

Sobre a amorfia (*formlessness**) em Winnicott e seu papel na simbolização

Jan Abram**, Londres

Este ensaio examina o último trabalho de Winnicott no qual ele enfoca os estágios iniciais do desenvolvimento psíquico. Amorfia, relacionada ao conceito anterior de Winnicott de não integração, é um precursor necessário para a integração e o pensamento simbólico. Assim, o sujeito poderia ir da relação com o objeto para o uso do objeto. No derradeiro trabalho de Winnicott ele sugere a noção do pai como objeto inteiro no início. Aqui vou propor a noção de integrado paterno, vinculada ao conceito de o outro do objeto de André Green. Concluo que a noção de Winnicott do pai como objeto inteiro desde o início da vida completa sua matriz teórica, uma vez que inclui a noção de uma dinâmica triádica no estágio mais inicial da vida psíquica.

Palavras-chave: amorfia, desenvolvimento psíquico inicial, pensamento simbólico, integrado paterno, dinâmica triádica, André Green, Winnicott, formlessness, simbolização.

* N.R. Foi escolhido o termo *amorfia* para traduzir *formlessness*, já que este termo é utilizado na tradução do livro *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1971a).

** Psicanalista e membro da Sociedade Psicanalítica Britânica (BPS).

Prelúdio

O propósito de Winnicott ao longo de seu trabalho psicanalítico foi abordar o estágio de desenvolvimento que *precede* o processo relacionado à representação e simbolização. Desde os estágios primordiais do desenvolvimento psíquico – quando o sujeito está fundido com a mãe/outro – é necessário um *mínimo ambiental* de tal forma que se possa facilitar ao bebê ir da *relação com o objeto* para *uso do objeto*. Este ensaio aborda a última conceitualização de Winnicott em relação à amorfia e como ele a aplicava a suas razões para modificar a técnica com determinados pacientes.

Com um rápido exame do último conceito de Winnicott sobre o *pai como objeto inteiro*, proporei a noção do *integrado paterno* que, sugiro, é componente essencial das condições ambientais ótimas para o desenvolvimento psíquico primário que são aplicáveis ao *setting* psicanalítico. Concluo que o derradeiro trabalho de Winnicott complementa esta matriz teórica através de sua proposta de que o pai está presente na mente do bebê, desde o início da vida, através da preocupação materna primária. Esta noção realça e reforça minha proposta dos objetos subjetivos sobreviventes e não sobreviventes.

Transposto para o *setting* analítico, o analista, portanto, deve funcionar tanto como o materno, através da técnica de associação livre, quanto o paterno, através da manutenção do enquadre analítico. É assim que o paciente pode aproveitar a oportunidade de mover-se em direção à capacidade de representação e pensamento simbólico e consolidá-los.

A área da amorfia

Winnicott identifica amorfia como *a experiência de um estado não proposital... um leve existir da personalidade não integrada* e relaciona este estado mental com o conceito freudiano de associação livre. Amorfia é um fenômeno subjetivo iniciado no contexto do desenvolvimento psíquico primário do bebê e da relação diádica entre mãe e bebê. É esta área que constitui o *elemento feminino puro*, crucial para a capacidade de sentir-se real. Seguindo a ideia de Freud, Winnicott propôs que a busca pelo *self* só pode emergir do funcionamento amorfo e desconexo (associação livre) na sessão analítica. Em *O brincar e a realidade* (1971b), ele oferece dois exemplos clínicos para ilustrar sua aplicação dessas ideias.

Acompanhando a ideia do último trabalho de Winnicott sobre *sobrevivência do objeto*, argumentarei que a busca pelo *self* não pode ser verdadeiramente iniciada sem o estabelecimento de um objeto intrapsíquico sobrevivente. E complementando o conceito bem tardio de Winnicott do *pai como objeto inteiro*, acrescentarei que o *integrado paterno* é um componente essencial do objeto sobrevivente. Sugiro que é o *integrado paterno* que fornece a forma e a capacidade de sentir-se real.

A amorfia no *setting* clínico, portanto, necessita da forma através da existência do integrado paterno representado pelos variados e diferentes aspectos que formam as estruturas do *setting* analítico. Seguindo André Green (1991), argumentarei que, na saúde, a tríade dinâmica é um fato desde o início da vida e oferece ao bebê um ambiente psíquico pronto e preparado para sobreviver a sua destruição. A especificidade do *setting* psicanalítico oferece condições psíquicas ótimas nas quais o objeto sobrevivente do sujeito pode evoluir. A manutenção da forma, isto é, a estrutura analítica, é o *enquadramento* essencial no qual a experiência de amorfia entre analista e paciente pode ocorrer, uma vez que os componentes integrados dos elementos masculino e feminino no *setting* analítico constituem sobrevivência psíquica potencial do objeto.

Amorfia e não integração

Momentos quando o poeta original em cada um de nós cria o mundo externo [...] encontrando o familiar no não-familiar são talvez esquecidos pela maioria das pessoas; ou então são guardados em algum local secreto da memória porque eram muito parecidos com visitas dos deuses para serem misturados com o pensamento cotidiano (Milner, 1950, *apud* Winnicott, 1971b).

Tanto Donald Winnicott quanto Marion Milner encontraram formas inovadoras de aprofundar e assim estender o conceito original freudiano do processo primário (que foi especificamente designado como uma característica do *sistema inconsciente*). As conclusões principais de suas explorações separadas, mas relacionadas, sobre as camadas mais profundas da mente, levaram a um reconhecimento de que as camadas mais primitivas do mundo interno dão uma contribuição crucial ao resultado da personalidade e à capacidade de imaginar. Eles tinham formas bem diferentes de descrever esses processos primários, mas, no início da década de 40, ambos estavam explorando a forma na qual o bebê seria capacitado a ir do pensamento pré-simbólico para o simbólico. Havia uma

ênfase numa sequência desenvolvimental relacionada à evolução das capacidades, de tal forma que maturidade, na melhor das hipóteses constituía uma integração de diferentes camadas de processos. Viver uma vida significativa necessita de enriquecimento através da capacidade de deslocar-se entre essas camadas e processos para descobrir e, assim, fazer evoluir seu próprio *poeta original* dentro de quem será, então, capaz de *viver criativamente*. E, para Winnicott, esses processos não poderiam ser iniciados sem um *mínimo ambiental* desde o início.

André Green (1972), complementando as ideias de Winnicott sobre transicionalidade, estendeu os processos primário e secundário de Freud propondo o conceito de *processos terciários*. Ele escreve: “Processos terciários funcionam como um eixo intermediário e conectam os processos primário e secundário” (Green, 1991, p. 48). O ponto importante aqui é que, embora a matriz teórica de Winnicott constitua um desenvolvimento sequencial, sua ênfase geral é de que cada fase continua a ter seu valor relacionado a *viver criativamente*. Por esta razão, a amorfia será um recurso no desenvolvimento maduro, como Milner argumenta em seu livro *On not being able to paint* (Milner, 1950, *apud* Abram, 2012a).

Amorfia é acrescentado ao vocabulário winnicottiano em seus últimos cinco anos, embora ele viesse explorando este aspecto do desenvolvimento psíquico primário desde o início de seu trabalho. A noção da sensibilidade materna à situação e estado mental do bebê se relaciona a um conceito específico de infância que sempre inclui o objeto. “Não existe esta coisa chamada bebê” (Abram, 2013a, p. 1) significa que não existe esta coisa enquanto sujeito. Fenômenos subjetivos são inscritos no ambiente psíquico do objeto primário.

O termo amorfia é equivalente ao conceito anterior winnicottiano de *não integração*, proposto pela 1ª vez em 1945 (Winnicott, 1945). O estado de não integração primária – durante a fase de dependência absoluta (narcisismo primário) – refere-se aos estágios iniciais de experiência sensorial do bebê, isto é, o bebê nos primórdios, nos braços da mãe completamente engajada com ele através de uma identificação profunda com seu estado de impotência – *preocupação materna primária* (1958). Sem a preocupação total da mãe em relação a seu bebê, não há possibilidade de o bebê vivenciar a não integração que Winnicott afirma ser o precursor do relaxamento. Este é um estado mental *sem ansiedade*, e é a devoção comum da mãe que gera a condição ótima na qual o bebê pode *ser*.

Não integração, portanto, é um fato da vida psíquica primária do bebê mas, assim como ocorre com o conceito de *amorfia*, retrata um estado mental que depende da capacidade da mãe/outro que, assim como o analista, oferece um local, um espaço psíquico onde se pode *ser*. Forma verdadeira, como integração

verdadeira, só pode emergir a partir de amorfia e não-integração, e isto sempre envolve relação objetal. Cada camada destes diferentes processos nutre a outra através da operação dos processos terciários. Em torno de 1970, Winnicott sugeriu que cada bebê precisava ter esta experiência inicial de amorfia para, nele, evoluir uma personalidade com um *self* verdadeiro. A *ilusão de onipotência* nos primórdios da vida significava que o bebê podia viver a partir de uma experiência central de ser um (verdadeiro) *self*. A partir desta base a criança em desenvolvimento podia potencialmente tolerar e integrar o processo de desilusão no processo de aceitação do princípio de realidade.

Se o bebê não tivesse vivenciado este aspecto do início da vida, ele teria que arrolar defesas. Por exemplo, a paciente descrita no capítulo dois de *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1971b) havia sido *perturbada toda sua vida* porque a qualidade de seus devaneios a impedia de viver criativamente. Naquele capítulo Winnicott examina as diferenças entre sonhar, fantasiar e viver, neste *caso de dissociação primária*, e mostra como, independente de que viver com um *self* falso parecesse funcionar para esta paciente, na verdade este fato estava lhe interrompendo o crescimento e o enriquecimento do *self* por ser essencialmente masturbatório – como chupar o polegar.

O padrão de relacionamento começa muito cedo e Winnicott sugeriu que, para esta paciente, era devido a que não lhe tinha sido permitido iniciar sua vida com amorfia. Desde o princípio tivera que se adequar ao que o ambiente exigia dela. Winnicott (1971c, p. 31) se dá conta que “fantasia interfere com ação e com vida no mundo real ou externo, mas, muito mais que isso, interfere com sonhos e com a realidade psíquica pessoal ou interna, o cerne vivo da personalidade individual”. É esta experiência clínica que convence Winnicott que amorfia é, portanto, uma experiência fundamental da personalidade, uma vez que fornece um senso de significação. O paciente sem esta experiência fundamental não está verdadeiramente vivendo a vida e tem que arrolar defesas para evitar alcançar uma sensação de futilidade e vazio no âmago do *self*. As defesas são a única forma de ele lidar com a experiência traumática de não haver sido verdadeiramente reconhecido. As deficiências do ambiente inicial elicitam um objeto não sobrevivente do qual emana uma ação defensiva.

O elemento feminino destilado

Examinando as origens da criatividade, Winnicott localiza o elemento feminino *puro* bem no início, quando mãe e bebê estão fundidos, e é incisivo dizendo

[...] nenhuma noção de *self* emerge exceto baseada nesta relação da sensação de Ser [...] é anterior [...] ser um com, porque ainda não houve nada exceto identidade. Duas pessoas separadas podem sentir-se como um, mas aqui onde estou examinando, o bebê e o objeto são um só (Winnicott, 1971d, p. 80).

Relação objetal, em termos do elemento feminino, não tem nada a ver com instinto ou pulsão.

O estudo do elemento feminino puro destilado não contaminado leva a SER, e isto forma a única base para autodescoberta e sensação de existir (e, a partir daí, para a capacidade de se desenvolver e para um interno, para ser um continente, para ter uma capacidade de utilizar os mecanismos de projeção e introjeção e se relacionar com o mundo em termos de introjeção e projeção) (*Ibid.*).

Assim, o elemento feminino destilado é enraizado na fusão entre mãe e bebê, portanto no cerne da organização ambiental individual – que é a localização de cultura e da criatividade. Este início é crucial para que cresça um *self* autêntico. Da *relação objetal* do elemento feminino puro deriva a instituição do *SER*. “Aqui encontramos a verdadeira continuidade das gerações [...] passada de geração em geração, via elemento feminino de homens e mulheres” (Winnicott, 1971e, p. 80). Desta forma, amorfia é um estado mental conectado ao elemento feminino.

Embora Winnicott desenvolva esta noção na mesma época em que desenvolvia suas ideias sobre *o uso de um objeto* (de 1968 em diante), me parece que, na conceitualização de amorfia, ele não inclui a crucial *nova característica* de sobrevivência do objeto. Também me impressiona que, em sua aplicação destes conceitos em seu trabalho clínico, ele não inclua especificamente o fator paterno. Estas são as áreas que pretendo desenvolver mais tarde, mas primeiro vejamos suas noções de criatividade psíquica a partir das quais os primeiros objetos subjetivos são formados.

Apercepção criativa e objetos subjetivos

Apercepção criativa representa estados ilusórios na amorfa ou não integrada relação da mãe e do bebê. Winnicott afirma que esta experiência específica, mais do que qualquer outra, faz com que o indivíduo sinta que a vida tem significado e

vale a pena ser vivida. O bebê que evolui do centro de gravidade e cujo *self* psíquico inicial se aloja no centro da organização do ambiente individual está *no processo* de aperceber criativamente, o que instiga uma sensação de sentir-se real. A partir da apercepção criativa, num ambiente suficientemente bom, o bebê se move em direção a ser capaz de perceber o objeto como separado e outro. Lembrem-se do poema que Winnicott (1967) escreveu para ilustrar a sequência: “Quando olho sou visto, logo, existo. Agora posso olhar e ver. Agora olho criativamente e o que apercebo também percebo. De fato cuido para não ver o que não existe para ser visto (a menos que eu esteja cansado)” (p. 114).

Olhar e ser visto são questões essenciais duais que fazem a identificação primária comum. Da experiência de *ser* (através de ser visto), emerge um espaço psíquico para sonhar e brincar, isto é, *o início do processo simbólico*. A sequência se relaciona ao processo que se sobrepõe com a comunicação silenciosa e a *relação com os objetos subjetivos*. Este tipo de relação com o *self* – que não é masturbatória ou autocentrada – é um aspecto necessário do narcisismo saudável e enriquece o sentimento de *self* e de sentir-se real e viver uma vida com significado.

Objetos subjetivos são uma consequência daquele processo inicial da experiência subjetiva do bebê em relação ao objeto externo: “Do ponto de vista do observador pode parecer haver relação objetual no estado primário de fusão, mas devemos lembrar que no início o objeto é um ‘objeto subjetivo’” (*Ibid.*, 1971f, p. 130). Objetos subjetivos, portanto, precedem objetos internos e são antecessores das relações objetais internas. O bebê *cria o objeto* através da capacidade materna de *se adaptar a suas necessidades*. Gradualmente a apercepção criativa penetra na capacidade do sujeito de objetivamente perceber o objeto, contanto que haja uma *provisão ambiental suficientemente boa*. E a apercepção criativa contribuirá para o desenvolvimento de imaginação e o *viver criativamente*.

Tudo isso foi relativamente bem estabelecido nas formulações de Winnicott durante as décadas de 50 e 60, mas houve uma pergunta que ele ainda não pôde responder em relação às capacidades de representar e simbolizar. Ele entendeu que havia um movimento sequencial que ocorria da apercepção para a percepção, mas não entendeu como aquilo ocorria. Sua pergunta específica era: *O que tinha acontecido entre mãe e bebê para que o bebê desse o passo desenvolvimental necessário em direção à verdadeira capacidade de discernir?* Em uma nota de rodapé escrita em 1970, em seu livro *Natureza humana* (Winnicott, 1988), ele diz que, somente em seu trabalho de 1968, *O uso do objeto* (*Ibid.*, 1969), ele resolveu esse problema. Vou retornar a este ponto. Vamos primeiro ver o que acontece quando há um ambiente inicial falho.

Deformação/psicose: uma doença da deficiência ambiental

A falta de *devoção cotidiana* de parte da mãe tem um efeito catastrófico sobre o bebê. Esta falta constitui uma deficiência grave porque o bebê não é capaz de estabelecer as bases da sensação de *self* que emanam da *ilusão de onipotência*. E o sentimento de sentir-se real fica, portanto, indisponível ao bebê cujo ambiente é deficiente dos ingredientes essenciais de um ambiente facilitador. Desta forma, o bebê vê-se abandonado a seus próprios dispositivos nos quais ocorrem

distorções da organização do ego que assentam a base das características esquizoides e a defesa específica de sustentação do *self*, ou o desenvolvimento de um *self* cuidador (falso *self*). Esta é uma defesa cujo sucesso pode prover uma nova ameaça ao âmago do *self*, embora tenha o objetivo de esconder e proteger este âmago do *self* (Winnicott, 1965a, p. 58).

Deformações de caráter, portanto, iniciam-se graças às falhas em estágios específicos de desenvolvimento (Winnicott, 1965b). Ansiedade psicótica se relaciona a trauma cedo na vida, quando a vivência *impensável* ocorre porque não há ainda um *self* para integrar o impacto psíquico externo. O resultado para o bebê é a aniquilação que constitui uma violação do âmago do *self*. Se a mãe/outro não estiver disponível para proteger o cerne do *self* vulnerável, então defesas psicóticas têm que ser elicitadas pelo bebê. Winnicott descreve a experiência das *agonias primitivas*:

1. um retorno a um estado não integrado
2. caindo para sempre
3. perda da colusão psicossomática, falha de fixação, despersonalização
4. perda do sentimento de real (defesa: exploração do narcisismo primário)
5. perda da capacidade de se relacionar aos objetos (defesa: estados autistas, relação somente com os fenômenos do *self*)

Desta forma a doença psicótica é uma defesa organizada contra a agonia primitiva impensável (Abram, 2007a).

O valor da amorfia no *setting* clínico: teoria e técnica

Como mencionei anteriormente, Winnicott viu que amorfia era um termo impregnado da noção freudiana de *associação livre*. Neste último trabalho ele

mostra como observa a corrosão da técnica de associação livre no trabalho clínico psicanalítico. Acredito que isto contém uma crítica a ele mesmo e aos analistas britânicos, que, com frequência, em sua opinião, hiperinterpretam em seu trabalho clínico. Ele foi o primeiro a admitir que sentia que também era culpado disto no início de seu trabalho. Declara que ficava consternado ao *pensar quanta mudança profunda* ele havia evitado no paciente por ter sido muito ávido em fazer uma interpretação quando entendia algo. Em 1968, aos 72 anos, disse que o objetivo de suas interpretações era mostrar ao paciente os *limites* de seu entendimento. “O princípio é que é o paciente e somente o paciente quem tem as respostas” (Winnicott, 1971b, p. 87).

Nos Capítulos dois e quatro de *O brincar e a realidade*, Winnicott (1971b) argumenta que o analista deve entender que o paciente precisa receber a oportunidade da experiência de amorfia no *setting* analítico e descreve como aplica este conceito com duas pacientes. A paciente de Winnicott do capítulo dois, como foi já referido acima, é uma mulher de meia idade, descrita como nunca tendo *vivido criativamente* graças a seus devaneios defensivos que constituíam uma dissociação primária. As distinções entre viver e não viver são examinadas e Winnicott afirma que a causa de sua dissociação primária deve-se à falha de seu ambiente primário: “Não houvera ninguém em sua infância que tivesse entendido que ela tinha que começar em amorfia” (*Ibid.*, p. 34). Desta forma, a dissociação primária da paciente é uma deformação que evita que ela evolua e se sinta real.

Pacientes cujos sonhos não contêm valor simbólico talvez sejam os mais difíceis de tratar porque não desenvolveram a capacidade de brincar no sentido psicanalítico. Se o paciente não pode brincar (graças à deficiência no pensamento simbólico), então o analista deve esperar até que o paciente seja capaz, porque “interpretação a partir do amadurecimento da transferência equivale à doutrinação” (*Ibid.*, p. 51). Ligado à afirmação acima sobre a necessidade do analista de esperar pelos processos dos pacientes, Winnicott sentiu que a intervenção do analista feita cedo demais resulta em um paciente que, provavelmente, se tornará acomodado. Acomodação é a morte da criatividade. A grande ênfase de Winnicott no valor da amorfia o levou a crer que o *setting* analítico poderia oferecer uma chance para o paciente ter uma experiência de amorfia (possivelmente pela primeira vez). Caso as condições fossem facilitadoras o suficiente, então havia uma chance de o paciente poder ser auxiliado a descobrir algo intrapsiquicamente, algo que seu ambiente primário tivesse falhado em lhe oferecer, isto é, amorfia dissociada.

No capítulo dois vemos como a paciente começa a avaliar a distinção entre um sonho que não tem valor simbólico e um sonho que seja relacionado a *viver*. No capítulo quatro, *O Brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self)*

(Winnicott, 1971g), vemos uma paciente que recebe a oportunidade de esperar assim como está, para alcançar uma sensação de seu *self*. Em ambos os capítulos Winnicott descreve como decidiu *modificar* o *setting* psicanalítico comum. A duração será *indefinida*; ele estará anotando; o paciente poderá se movimentar na sala; leite e biscoitos estarão disponíveis.

Baseado em suas convicções psicanalíticas, lemos sobre a tentativa de Winnicott de oferecer um ambiente psíquico que tenha por objetivo a replicação, tanto quanto possível, da amorfia diádica primária entre mãe e bebê. “O buscar só pode vir a partir do funcionamento amorfo e desconexo [...]. É apenas aqui, nesse estado não integrado da personalidade, que o criativo, tal como o descrevemos, pode emergir” (*Ibid.*, 1971b, p. 64). A vinheta clínica para ilustrar cada paciente chega a um *insight* particular durante o curso de (até) três horas. Winnicott é cauteloso quanto a sentir-se muito satisfeito em relação a qualquer progresso real alcançado, ao mesmo tempo ele está convencido de que o trabalho alcançado nestas sessões relatadas não teria se realizado caso a sessão tivesse sua duração usual.

Recentemente examinei como as inovações clínicas de Winnicott impulsionaram significativamente a psicanálise tanto na teoria quanto na prática. Enfatizo seu artigo, *Os objetivos do tratamento psicanalítico* (1965b), no qual ele afirma que, com uma *determinada categoria de pacientes*, ele modificará o *setting* analítico usual durante uma fase da análise até que o paciente esteja pronto para uma *análise padrão* (Abram, 2012b). Winnicott (1965c) não oferece exemplos clínicos nesta publicação.

Os dois capítulos aos quais me refiro acima não foram publicados até 1971, o ano em que ele morreu, e não se sabe quando tratou esses pacientes. Eu diria que foram pessoas com quem ele trabalhou na última década de sua vida. Um deles tinha feito análise antes. Estou certa que Winnicott foi sincero em sua tentativa de criar uma atmosfera de amorfia a partir da qual o paciente poderia descobrir uma sensação de *self*. Mas, lendo as sessões, sempre me senti desconfortável porque não estava convencida sobre o material clínico da mesma forma como estou em relação aos pontos conceituais de Winnicott na sequência da relação objetal ao uso do objeto.

O tópico de modificações na técnica numa psicanálise tem sido descrito desde a década de 50 e é motivo de controvérsia entre os psicanalistas. Minha opinião é que temos que definir o que queremos dizer com *modificação* e se realmente ajuda ou não o paciente a alcançar um desenvolvimento lá adiante. Para mim, o enquadramento psicanalítico é fundamental na criação do *setting* psicanalítico. O elemento crucial do terceiro, isto é, o pai, será negado caso o

enquadramento temporal seja distorcido. Como pode haver um espaço no qual faremos associação livre sem a estrutura sustentadora do enquadramento? Questiono por que Winnicott, pelo menos nessas duas instâncias, não parece ter levado em conta sua própria teoria de relações objetais em relação à sobrevivência psíquica. É possível que, quando escreveu esses capítulos e trabalhou com estes pacientes, presumivelmente ainda não houvesse escrito *O uso de um objeto.*, Por outro lado era muito ativo na contribuição à primeira edição de *O brincar e a realidade* (1971b) durante o curso de 1970. Este foi o ano anterior à sua morte e que coincidiu com o ano em que este trabalho foi publicado em 1971.

À luz da teoria de *O uso de um objeto*, no capítulo seis de *O brincar e a realidade* (1971b), a *amorfia dissociada* (entre analista e paciente) só pode emergir como consequência da sobrevivência psíquica do objeto após a destruição pelo sujeito. É a experiência internalizada da sobrevivência do objeto que cria o objeto sobrevivente intrapsíquico que, por sua vez, facilita o desenvolvimento do *self*. E, para isto ser concretizado, o fator crucial não é apenas as interpretações do analista, mas também a manutenção do *setting* analítico com seus limites firmes. O paciente só pode começar a buscar o sentimento de *self* uma vez que ritmo e passo analíticos estejam estabelecidos. A partir desta base o sujeito torna-se capaz de começar a buscar um objeto que sobreviverá, que leva à capacidade de procurar pelo *self*, isto é, à capacidade de transformar-se e evoluir. O sujeito precisa continuamente vivenciar *destruir o objeto* em sua fantasia inconsciente, até que os objetos no mundo externo sejam gradualmente percebidos como separados e diferentes e não um *pacote de projeções*.

O próprio Winnicott (1955) havia previamente enfatizado que o *setting analítico* aparece no trabalho de Freud porque ele *pressupôs a situação primária de maternagem*. O *setting* coloca-se em paralelo com o ambiente acolhedor e oferece uma oportunidade para a associação livre e a regressão. Este é o trabalho em que ele enumera os pontos que vão compor o *setting* clínico de Freud, trabalho que leva à consideração que “qualquer detalhe pode ser considerado de extrema importância em uma fase específica de uma análise envolvendo alguma regressão do paciente” (*Ibid.*, 1958b, p. 286). Winnicott acrescenta à sua lista de doze componentes do *setting* analítico que, “para Freud há três pessoas, uma delas excluída do consultório” (*Ibid.*, p. 286).

E este é o ponto sobre o qual passo a refletir. Sustento que Winnicott realmente estava consciente do pai e da importância do seu papel no desenvolvimento e que há uma pergunta a ser respondida sobre sua visão do pai no início da vida e como o funcionamento deste se reflete no *setting* analítico. Antes de tentar respondê-la, vamos aos últimos conceitos de Winnicott que,

acredito, pavimentam o caminho para as formulações a que, em minha opinião, se direcionava quando morreu.

Sobrevivência psíquica

Conforme já tentei demonstrar, é central no trabalho tardio de Winnicott o conceito de sobrevivência psíquica conforme é visto em *O uso de um objeto* e as publicações subsequentes de sua discussão, em especial *O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo* (1989) (ver Abram, 2013a). Winnicott preocupava-se em localizar o quanto os processos simbólicos eram desencadeados em relação ao *impulso amoroso primitivo* sem recorrer à ideia do *instinto de morte*. Ele escreve:

O impulso primitivo era desumano, do ponto de vista do observador. Para o bebê o impulso amoroso primitivo é pré-humanidade e só é sentido como sendo desumano à medida que a criança se integra finalmente a uma pessoa responsável e olha para trás (Winnicott, 1988, p. 79).

Acrescenta uma nota de rodapé dizendo que não pôde publicar seu livro *Natureza humana* (1988) porque não havia resolvido a questão, conforme foi perguntado acima, quanto ao que deve ocorrer entre mãe e bebê para o impulso primário agressivo do bebê ser transformado de desumano em humano. Ele descobriu a resposta quando escreveu *O uso de um objeto* (1969). O que exatamente ele descobriu para resolver esta questão naquele trabalho?

Sempre consciente do papel do ambiente facilitador, a pergunta de Winnicott era, mais especificamente, o que a mãe teria que fazer para facilitar o desenvolvimento do bebê em relação à capacidade de ir de apercepção criativa para, objetivamente, perceber o objeto. A resposta estava escondida no processo intrapsíquico – que ocorria entre mãe e bebê no início e sua preocupação “em estudar a área intermediária [...] que não é nem sonho nem relação objetual” (Winnicott, 1989, p. 352). O *paradoxo essencial* constitui a área intermediária que é “nem um, nem o outro desses dois e também é ambos” (*Ibid.*, p. 352).

Para ilustrar esse movimento Winnicott verbaliza a comunicação não verbal de sujeito a objeto no início. Esta é a passagem central do trabalho original: “Olá, objeto. Eu destruí você. Você tem valor para mim por causa de sua sobrevivência após minha destruição. Enquanto estou amando você, estou o tempo todo

destruindo você (em fantasia inconsciente)” (*Ibid.*, 1971b, p. 90). Após isto Winnicott declara claramente que este é o ponto no qual a fantasia começa.

Conecto esta formulação de 1968 com a anterior da *primeira alimentação teórica* conforme é enfatizado em *Natureza humana* (1988). A mim parece que a experiência real do bebê em relação a suas necessidades (as quais naquele momento são parte dos impulsos primitivos instintivos), preenchidas pelo objeto, facilita seu sentimento de o objeto ter sobrevivido a sua destruição. Lembrem-se dos cinco estágios da sequência proposta por Winnicott: 1. Sujeito *relaciona-se* ao objeto; 2. Objeto está no processo de ser encontrado em vez de ser colocado pelo sujeito no mundo; 3. Sujeito *destrói* objeto; 4. Objeto *sobrevive* à destruição; 5. Sujeito pode *usar* objeto. Em consequência de o objeto sobreviver à destruição pelo sujeito (o impulso primitivo), o sujeito pode começar a colocar o objeto fora no mundo. Para mim este é o elemento crucial na sequência e, conforme Winnicott afirmou, constitui a *nova característica* em sua teorização. *Sobrevivência do objeto* enfatiza a natureza crucial da relação inicial objeto/sujeito para o *self* evoluir e desenvolver capacidades.

O recém-nascido precisava receber a *amorfia* dissociada oferecida pelo objeto – Winnicott (1988) foi absolutamente claro em relação a isso. Isto se relaciona à sua ideia da mãe-ambiente que oferecia este pano de fundo de segurança durante os períodos de quietude. O que deveria acontecer durante os períodos de excitação e potencialmente traumáticos – quando o bebê, não pacatamente, se sentia não integrado, sofrendo em direção ao terror – era que o objeto-mãe tinha que *receber* as comunicações, adaptar-se às suas necessidades, o que só podia fazer por causa de sua identificação com a impotência do bebê.

Durante estes momentos um tipo diferente de relação (técnica) era necessário, diferente da mãe-ambiente. A sequência em *O uso de um objeto* se refere à forma como a mãe-ambiente se alterna entre ser um facilitador de amorfia (no primeiro estágio, quando o sujeito se relaciona ao objeto) e se tornar a mãe-objeto capaz de *receber* a comunicação urgente enquanto o sujeito destrói o objeto. Quando a calma interna é destruída por uma necessidade psicológica, isto pode ser vivenciado como um ataque terrível da parte do objeto. No entanto, os gritos urgentes do bebê também podem ser vivenciados pelo objeto como um ataque. A mãe-ambiente, que inclui o suporte do pai da família estendida, tem que sustentar sua atenção e consistência, em contraste com a mãe-objeto, que precisa receber e *traduzir* a urgência da comunicação do bebê em seus estados excitados e agitados.

Ambas as tarefas, com suas sobreposições inevitáveis, significam que a mãe suficientemente boa oscila entre os dois papéis. *Sobrevivência do objeto* significa que a mãe-ambiente sobrevive através de seu investimento consistente e

em desenvolvimento, em reconhecimento às necessidades e ao *self* em desenvolvimento de seu bebê. A mãe-objeto sobrevive sendo capaz de responder à comunicação do bebê. A resposta da mãe suficientemente boa transforma as necessidades do bebê, enquanto a resposta da mãe não suficientemente boa irá forçar o bebê a um estado de retraimento. *Sobrevivência do objeto é a nova característica* nas formulações de Winnicott. Ele sentia que “a questão do reconhecimento do elemento destrutivo na ideia primitiva excitada crua” (Abram, 2012d, p. 308) estava então resolvida.

No processo de se movimentar entre as tarefas de mãe-ambiente e de mãe-objeto, a mulher verdadeira que cumpre essas tarefas oscilará entre ter sucesso e falhar em seu esforço de preencher as necessidades do bebê. A internalização do objeto habilidade da mãe em sobreviver, isto é, *não* retaliar, é gradualmente internalizada pelo bebê. Os momentos em que ela não é capaz de sobreviver, nos níveis ambiente ou objeto da responsividade interpulsiva, também são internalizados. Essas interações constituem a experiência subjetiva tanto de sobrevivência quanto de não sobrevivência, o que leva a dois objetos subjetivos que aparecem no mundo interno do bebê: um objeto sobrevivente intrapsíquico e um objeto não sobrevivente intrapsíquico (Abram, 2007b).

Sobre a primeira alimentação teórica – o início do processo simbólico – esperamos que leve a alimentações teóricas subsequentes. Eu propus uma *alimentação teórica final*, quando as tarefas da adolescência culminam em uma configuração final da sequência delineada no uso de um objeto. Neste momento do desenvolvimento o sujeito pode, então, discernir o outro como separado e diferente. Este momento significa a evolução de um objeto sobrevivente intrapsíquico inteiro que, por sua vez, significa que o objeto, agora, é capaz de funcionar na relação entre os três corpos.

Adolescência e sobrevivência do objeto

Considerando-se que os pacientes, em sua maioria, são internamente dominados por um objeto não sobrevivente, eu sugiro que, antes que o paciente possa começar a buscar o *self*, é necessário descobrir a experiência de um objeto que sobreviverá na nova psicodinâmica que é mobilizada na situação da análise. A capacidade de buscar o *self*, portanto, não é possível sem um objeto sobrevivente intrapsíquico que cresce em relação à sobrevivência dinâmica interpulsiva do outro externo. Já expandi esta ideia em outro lugar em relação à adolescência e ao isolado, ao comunicativo e não comunicativo, à destrutividade e assassinato.

Aproveitando a noção de Green do *bebê clínico*, propus a noção do *adolescente clínico*, que emerge em estágios particulares da evolução da transferência (Abram, 2012c). Deixem-me agora tentar amplificar minhas interpretações prévias desta área das formulações de Winnicott.

Sobrevivência psíquica em relação a elementos femininos e masculinos

Winnicott coloca a experiência de *ser* com o elemento feminino em termos de sua teoria da *continuidade do ser*, criatividade e brincar. A amorfia é facilitada pela sintonia fina da sensibilidade materna em relação à imaturidade e impotência do bebê.

“O estudo do elemento feminino puro destilado não contaminado leva a Ser, e isto forma a única base para autodescobrimento e sensação de existir [...]” (Winnicott, 1971b, p. 82) como vimos acima. Mais tarde ele enfatiza que este é o ingrediente essencial que dá sentido à vida. O elemento masculino entra em foco à medida que o bebê luta para distinguir entre Eu e Não-eu; é parte deste processo de separação e se relaciona ao estágio de preocupação, quando o sujeito é capaz de juntar a mãe-ambiente e a mãe-objeto e ver a mulher como a mesma mãe tanto dos momentos de quietude quanto de excitação. Esta é uma conquista desenvolvimental importante, pois a “relação objetual do elemento masculino em direção ao objeto pressupõe capacidade de separação” (*Ibid.*, p. 80). Também significa que o sujeito é capaz de *ser* e *fazer*. E, para Winnicott (*Ibid.*, p. 85), há uma sequência fundamental: “Depois de ser – fazer e ser feito. Mas primeiro ser”.

Nestas formulações estamos cômicos da ênfase de Winnicott sobre a mãe e seu papel em auxiliar o bebê no estágio do elemento masculino. No *setting* clínico as modificações de Winnicott visavam a uma replicação dos estágios mais iniciais para facilitar um tipo particular de regressão. E, enquanto Winnicott nunca negou a importância vital do papel do pai no desenvolvimento emocional do desenvolvimento infantil (ver Abram, 2007a, em *Environment & mother*), não há dúvidas que ele privilegia o elemento feminino puro destilado na fase mais inicial da vida. De forma significativa, a pergunta que ele formulou mais tarde concernia ao papel do pai no início da vida. Vamos agora refletir sobre o desenvolvimento de seu último trabalho.

Sugiro que o conceito de Winnicott de *sobrevivência do objeto*, em 1968, instigado pela discussão de Nova York, resultou numa nova proposta no ano

seguinte em relação ao papel do pai para o recém-nascido (1969). Em resposta, em um de seus ensaios, *O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo* (1989), ele argumenta que poucas pessoas alcançam o estágio do complexo de Édipo em seu desenvolvimento emocional, o que significa que “a repressão da figura paterna libidinizada tem pouca relevância” (Winnicott, 1989, p. 241). Em outras palavras, poucas pessoas alcançam a capacidade de avaliar a *relação de três corpos*. Este é um ponto importante que ele estava tentando formular em *O uso de um objeto*, porque, conforme afirmei acima, ele tentava conceitualizar a dinâmica interspíquica específica entre mãe e bebê que facilitava a capacidade deste de perceber o segundo e, subsequentemente, o terceiro. E um ano antes de morrer ele propõe que

[...] em um caso favorável, o pai já começa inteiro (isto é, como pai e não substituto da mãe) e depois se torna investido de uma parte-objeto significativa, que ele começa como integrado na organização do ego e na conceitualização mental do bebê (Winnicott, 1989, p. 243).

Porém, para o pai começar *integrado* na organização mental *do bebê*, já deve ser um *integrado* na organização do ego materno. Se aceitarmos a teoria winnicottiana da preocupação materna primária, é no ego da mãe que se *constitui* o ego do recém-nascido nos primórdios da vida. Inspirado em Winnicott, André Green sugeriu que o pai na mente da mãe poderia ser chamado de *o outro do objeto*. Mas aqui proponho que nomeemos este *integrado na organização do ego* de *integrado paterno*. Pois, embora seja uma força integradora potencial que é um terceiro objeto (como Green quer enfatizar), na matriz teórica de Winnicott, eu sugiro que isso é relacionado ao elemento masculino que estabelece a capacidade de sentir-se real e de fazer. Como consequência, é o paterno e não o materno. Isto leva inevitavelmente à noção de que tanto o elemento feminino quanto o masculino são essenciais desde o início da vida. Ambos são fundamentais porque constituem as sementes a partir das quais o processo integrativo pode crescer.

Em outro lugar sugiro que este último conceito de Winnicott avança na teoria da *preocupação materna primária* porque a capacidade da mãe de dar cobertura ao ego significa que ela não apenas transmitirá ao bebê o *imago* paterno em sua mente, isto é, através de transmissão transgeracional, mas que também ela *inscreverá* o integrado paterno na psiquê do bebê (Abram, 2012d). Na saúde, isto constitui seu engajamento ativo, intrapsiquicamente com o *imago* paterno e interpessoalmente com o terceiro que facilita sua *devoção corriqueira* ao bebê.

Numa fase tardia o terceiro separa a estreita intimidade de mãe e bebê, como em Freud, tudo isto auxiliando o bebê em direção à evolução do pensamento simbólico.

No início, no entanto, o pai não pode estar presente para o bebê, pois ele, bebê, ainda não é capaz de perceber sequer o segundo, muito menos o terceiro. E ainda assim, como enfatizo acima, a presença do pai e a relação atuante com a mãe trazem uma contribuição essencial à evolução do sentimento de *self* do bebê. Desta forma, a mãe-ambiente inclui o fato da relação e amor dos pais, o que necessariamente inclui seu relacionamento sexual, o que influencia a sexualidade psíquica do bebê.

Assim, à luz da última proposta de Winnicott do pai como objeto inteiro, sugiro que ele se dirigia no sentido da ideia de não haver *esta coisa chamada relação diádica*. A relação diádica é um fenômeno subjetivo em um estágio particular de desenvolvimento relacionado à fusão inicial. Por outro lado, é um fenômeno relacionado à psicopatologia, isto é, à mãe que desinveste o integrado paterno, o que levará à psicose. A relação triádica, conforme Green identificou, é um fato essencial desde o início da existência do bebê – psíquica e fisiologicamente (Green, 1991).

O objeto sobrevivente intrapsíquico é, assim, imbuído da dinâmica da relação triádica. O integrado paterno na mente da mãe e o ego reforçador do pai dão uma contribuição essencial à sua capacidade (da mãe) de sobreviver às demandas cruéis do bebê. De fato, sem o pai na mente da mãe, ela não consegue sobreviver. Segue-se, portanto, que o objeto não sobrevivente emerge como consequência da negação do integrado paterno e é o resultado da deficiência paterna assim como da deficiência materna. Isto seria o resultado do mau funcionamento da relação dos pais, o que significa que o objeto não sobrevive à tentativa do sujeito de destruí-lo. Isto leva à deformidade e retraimento das relações interpessoais. A única chance de melhorar este tipo de deficiência é o *setting* analítico.

O integrado paterno e o *setting* analítico

Green (1991, p. 46) afirma: “O problema real da perspectiva desenvolvimental não é a jornada de dois para três – da díade à tríade – mas a transição do estágio de terceiridade potencial [...] à terceiridade efetiva”. Terceiridade potencial para o sujeito é a inscrição da mãe suficientemente boa no *self*. Terceiridade efetiva significa que o sujeito alcançou a relação de três corpos. Conforme sugeri acima, considero que isto é precisamente o que Winnicott estava

trabalhando e sentiu que havia resolvido quando propôs a *sobrevivência do objeto*. Quando, no último minuto, ele acrescentou a noção do pai como objeto inteiro, sugiro que suas teorias estavam avançando. O integrado paterno e o papel do pai eram necessários para completar sua matriz teórica.

Transpor o papel do pai para o *setting* analítico, como Winnicott apontou, está presente em todos os componentes que irão construir a estrutura do *setting* analítico. Imagino que esteja claro agora que minhas preocupações com as *modificações* de Winnicott, conforme descrevi acima, são porque tenho a impressão que suas modificações negavam o fator paterno.

A função do analista é ser tanto a mãe-ambiente quanto o receptor das projeções da transferência (mãe-objeto). Além dos elementos intrapsíquicos feminino e masculino em paralelo às relações interpessoais materna e paterna, isso constitui o *setting* e enquadramento analíticos como está claro nas teorias finais de Winnicott. O paciente estará freado na busca pela forma e pelo sentimento de *self* que levará à capacidade de sentir-se real sem a experiência consistente da dinâmica envolvida na sequência de destruição e sobrevivência do objeto. □

Abstract

On Winnicott's area of formlessness and its role in symbolization

This essay examines Winnicott's late work in which he focuses on the earliest stages of psychic development. *Formlessness*, related to Winnicott's earlier concept of unintegration, is a necessary precursor to integration and symbolic thinking. Thus the subject could move from object relating to object usage. In Winnicott's very late work he suggests the notion of *the father as a whole object* at the beginning. Here, I will propose the notion of a *paternal integrate* linked with André Green's concept of the *other of the object*. I conclude that Winnicott's notion of the *father as whole object* from the beginning of life completes his theoretical matrix because it includes the notion of a triadic dynamic at the earliest stage of psychic life.

Keywords: formlessness, early psychic development, symbolic thinking, paternal integrate, triadic dynamic, André Green, Winnicott, formlessness, symbolization.

Resumen

Sobre la amorfia (*formlessness*) en Winnicott y su papel en la simbolización

Este ensayo examina el último trabajo de Winnicott en el que enfoca las primeras etapas del desarrollo psíquico. *Amorfia*, relacionada al concepto anterior de Winnicott de la no integración, es un precursor necesario para la integración y el pensamiento simbólico. Por lo tanto, el sujeto podría ir de la relación con el objeto para el uso del objeto. En el trabajo final de Winnicott el sugiere la noción del *padre como objeto entero* al principio. Aquí voy a proponer la noción de *integrado paterno*, vinculada al concepto del *otro allende del objeto* de André Green. Concluyo que la noción de Winnicott del *padre como objeto entero* desde el comienzo de la vida completa su matriz teórica, una vez que incluye la noción de una dinámica trídica en la etapa más inicial de la vida psíquica.

Palabras clave: amorfia, desarrollo psíquico inicial, pensamiento simbólico, integrado paterno, dinámica trídica, André Green, Winnicott, *formlessness*, simbolización.

Referências

- Abram, J. (2007a). *The language of Winnicott: a dictionary of Winnicott's use of words*. London: Karnac.
- _____. (2007b). L'objet qui ne survit pas: Quelques réflexions sur les racines de la terreur. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 39, 247-70.
- _____. (2012a). On not being able to paint (1950) and The hands of the living god (1969). *The International Journal of Psychoanalysis*, 93 (5), 1340-47.
- _____. (2012b) On Winnicott's clinical innovations in the analysis of adults *The International Journal of Psychoanalysis*, 93 (6), 1461-73
- _____. (2012c). De la communication et de la non-communication : la recherche pour un objet qui survivra. *Revue Belge de Psychanalyse*.
- _____. (2012d) D. W. W.'s notes for the Vienna Congress 1971: a consideration of Winnicott's theory of aggression and an interpretation of the clinical implications In J. Abram (Ed.) *Donald Winnicott today: The new library of psychoanalysis* (pp. 302-330). London: Routledge, 2013.
- _____. (2013a) (Ed.) *Donald Winnicott today: The new library of psychoanalysis*. London: Routledge.
- Green, A. (1972) Note sur les processus tertiaires. *Revue Française de Psychanalyse*, 36 (3), 407-410.

- _____. (1991) On thirdness In J. Abram (Ed.) *André Green at the Squiggle Foundation* (pp. 39-68). London; New York: Karnac, 2000.
- Winnicott, D. W. (1945). Primitive emotional development. *The International Journal of Psychoanalysis*, 26, 137-43.
- _____. (1955). Metapsychological and clinical aspects of regression within the psychoanalytical set-up. *The International Journal of Psychoanalysis*, 36, 16-26.
- _____. (1958a). Primary maternal preoccupation [1956]. In _____. *Through pediatrics to Psicho-Analysis* (Collected papers, pp. 300-305). London: Tavistock.
- _____. (1958b) *Through pediatrics to Psicho-Analysis* (Collected papers). London: Tavistock.
- _____. (1965a) Ego integration in child development (1962). In _____. *Maturational processes and the facilitating environment* (pp. 56-63). London: Hogarth, 1969.
- _____. (1965b). Providing for the child in health and crisis [1962]. In _____. *Maturational processes and the facilitating environment* (pp. 64-72). London: Hogarth, 1969.
- _____. (1965c) The aims of psycho-analytical treatment. In _____. *Maturational processes and the facilitating environment* (pp. 166-70). London: Hogarth, 1969.
- _____. (1967). Mirror-role of mother and family in child development. In _____. *Playing and reality*. London: Tavistock.
- _____. (1969). The use of an object and relating through identifications. *The International Journal of Psychoanalysis*, 50, 711-716.
- _____. (1971a). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1971b). *Playing and reality*. London: Tavistock.
- _____. (1971c). Dreaming, fantasizing and living: A case history describing a primary dissociation [1970]. In _____. *Playing and reality* (pp. 26-37). London: Tavistock.
- _____. (1971d). Creativity and its origins [1970]. In _____. *Playing and reality* (pp. 65-85). London: Tavistock.
- _____. (1971e). The split-off male and female elements to be found in men and women [1966]. In _____. *Playing and reality* (pp. 72-85). London: Tavistock.72-85.
- _____. (1971f) Interrelating in terms of cross identifications. In _____. *Playing and reality*. London: Tavistock.
- _____. (1971g). Playing: creative activity and the search for the self [1970]. In _____. *Playing and reality* (pp. 53-64). London: Tavistock.
- _____. (1988). *Human nature*. London: Free Association Books.
- _____. (1989). The use of an object in the context of Moses and Monotheism [1969]. In J. Abram *The language of Winnicott: a dictionary of Winnicott's use of words*. London: Karnac, 2007.

Recebido em 22/07/2013

Acentio em 31/07/2013

Tradução de **Angela Silveira**

Revisão Técnica de **Paulo Berél Sukiennik**

Jan Abram

Studio 1, 94 Woodland Gardens, N10 3 UB

Londres – Inglaterra – UK

e-mail: janabram@blueyonder.co.uk

© Jan Abram

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA